**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)**

**INSTITUTO HUMANIDADES (IH)**

**BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

**ANTONIA JULIANA FERREIRA BASTOS**

# AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE FEMINISMO POR UM GRUPO DE ALUNAS DO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA EM ARACOIABA – CEARÁ.

**ACARAPE - CE**

**2020**

ANTONIA JULIANA FERREIRA BASTOS

# As representações sociais sobre feminismo por um grupo de alunas do Ensino Médio em uma escola em Aracoiaba – Ceará.

Projeto de Pesquisa apresentado à banca examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Kaline Girão Jamison

**ACARAPE - CE**

**2020**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**ANTONIA JULIANA FERREIRA BASTOS**

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE FEMINISMO POR UM GRUPO DE ALUNAS DO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA EM ARACOIABA – CEARÁ.**

Projeto de Pesquisa apresentado à banca examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: Acarape - CE, ____ / _____ / _____

Banca Examinadora:

_____

Profa. Dra. Kaline Girão Jamison
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

_____

Prof. Dra. Kaline Araújo Mendes de Souza (UNILAB)

_____

Prof. Dr José Sérgio Amâncio de Moura (UNILAB)

**SUMÁRIO**

1- DELIMITAÇÃO DO OBJETO…..... 5

2- OBJETIVOS..... 8

3- JUSTIFICATIVA..... 9

4- REFERENCIAL TEÓRICO..... 10

5- METODOLOGIA..... 16

6- REFERÊNCIAS..... 18

## 1. DELIMITAÇÃO DO OBJETO

A nossa pesquisa tem como objetivo analisar as representações sociais sobre o feminismo na percepção de estudantes do gênero feminino entre 15 e 18 anos em uma escola de ensino médio da rede pública de ensino no distrito de Ideal, zona rural do município de Aracoiaba-CE.

Sabendo que o feminismo está inserido no nosso cotidiano diariamente e adquiriu uma grande importância por questionar temas como “a organização sexual, social, política, econômica e cultural de um mundo profundamente hierárquico, autoritário, masculino, branco e excludente” (RAGO.1996, p.12), a discussão sobre o assunto ganha cada vez mais destaque.

Nesta perspectiva, é importante conhecermos mais a respeito desse movimento libertário (PINTO, 2010, p.16) que luta por uma maior liberdade e autonomia feminina para que a mulher tenha poder de decisão sobre sua vida e seu corpo, bem como busca a existência de uma relação de equidade entre homens e mulheres.

No entanto, apesar de ser um marco na luta pelos direitos da mulher, ainda há muitas que não apoiam e até influenciam outras a não aceitarem o movimento. Um exemplo a ser citado é a Ministra em exercício Damares Alves do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos que em um vídeo[1] exibido pelo programa Fantástico da Rede Globo no dia 13 de janeiro de 2019, aparece afirmando, durante um culto evangélico onde é pastora, que feministas não gostam de homem. No vídeo ela declara: “sabem por que elas não gostam de homem? Porque são feias e nós somos lindas”.

Com essa fala, percebemos que mesmo com os avanços alcançados pelo movimento feminista e com a difusão de diversas ferramentas que possibilitam a ampla veiculação e fácil acesso à informação sobre o mesmo, ainda há uma longa estrada a ser percorrida para que aconteça uma desconstrução de discursos como o da ministra, que para muitos é cômico,

mas que apresenta fortes características estereotipadas do discurso patriarcal machista e misógino.

Ainda sobre essa tendência anti-feminista, em análise para a BBC, a respeito do que leva mulheres, entre elas, muitas jovens, a não se identificarem como feministas, a socióloga Christina Scharff (2019), do King's College, afirma que "associações do termo feminismo a ódio aos homens, lesbianismo ou falta[1] de feminilidade" são fatores cruciais na rejeição ao rótulo 'feminista'", pois em entrevistas feitas para seu trabalho acadêmico, as mulheres afirmavam que "não se consideravam feministas porque não queriam ser associadas com características como essas. Isso apesar do fato de que muitas diziam não ser homofóbicas – e algumas se identificarem como lésbicas ou bissexuais".

Corroborando essa análise, a professora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e especialista em estudos de gênero, Susana Funck, afirma em entrevista ao *blog* Destak (2019) que "a primeira associação das pessoas é de que feministas odeiam os homens".

Sobre isso, a escritora Fabíola Andrade, do mesmo *blog*, afirma ainda que "no Brasil, o feminismo tem conotações negativas e muitas vezes relacionadas apenas à sexualidade". Em oposição a esses estereótipos, a socióloga e professora da UFRJ, Heloísa Buarque de Hollanda, também em entrevista ao blog, afirma que "o feminismo nada mais é do que um direito humano de as mulheres serem iguais aos homens nos salários, tratamentos, no direito de ir e vir sem ser molestada".

Nessa perspectiva, tratando-se de um assunto extremamente debatido, cuja relevância não se classifica apenas pela importância social para o gênero feminino, mas também como um estudo das representações de gênero na sociedade em que nos encontramos inseridos, apoiaremos a pesquisa na Teoria da Representação Social no campo da Psicologia Social dos estudos de Serge Moscovici. Nas palavras de Garcia, (2019, p.10) "a representação social é descrita por Moscovici como sendo uma possível característica de um grupo

[1] Fantástico: Damares Alves: conheça a história da ministra que se envolveu em polêmicas. Ver em: https://globoplay.globo.com/v/7296702/

social; numa sociedade complexa, coexistem vários discursos diferentes com diversas origens e funcionamentos".

A partir do apontamento feito por Garcia compreendemos representação social como característica de determinados grupos em determinados contextos que coexistem e interagem uns com os outros. Portanto, iremos analisar através desta pesquisa a forma que produz a construção das representações sociais do conceito de feminismo por parte destas estudantes cearenses de ensino médio, procurando identificar os principais termos utilizados em seus discursos, seus posicionamentos em relação ao tema e os possíveis fatores que levam mulheres da contemporaneidade a renegar a importância do feminismo.

## 2. OBJETIVOS

**Objetivo geral:** Analisar como alunas de uma escola pública de ensino médio no município de Aracoiaba, Ceará, significam o feminismo a partir de uma perspectiva das representações sociais.

**Objetivos específicos:**

- Identificar e descrever os principais termos e expressões utilizados pelas participantes que ajudam na construção da representação social sobre o feminismo.

- Destacar nas narrativas das entrevistas a incidência de posicionamentos favoráveis e não favoráveis tomados pelas estudantes em relação ao feminismo.

- Apontar possíveis fatores que podem levar mulheres a construírem barreiras contra a aceitação do feminismo na atualidade.

## 3. JUSTIFICATIVA

Ao nos questionarmos sobre o feminismo e como ele é visto em nossa sociedade contemporânea, entendemos que é considerado de grande importância na construção de uma sociedade justa para um grupo historicamente desfavorecido. Neste aspecto, há estudos que têm explorado essa temática e vêm tratando sobre as concepções negativas e estereotipadas do feminismo.

Os estudos de Rago (1996), Albernaz e Adrião (2000) e Schimidt (2006) partem do pressuposto de que a luta feminista vive um momento de mudanças e conquistas, onde as mulheres estão mais presentes em todos os espaços, sejam os físicos como no ambiente de trabalho, sejam os virtuais, onde suas ideias se propagam com mais facilidade graças ao advento das redes sociais. Entretanto, em contrapartida a todas essas conquistas ainda há uma forte disseminação de discursos anti-feministas na sociedade. Desse modo, percebemos que seria interessante investigar as repercussões do movimento feminista em uma comunidade rural buscando observar se há posicionamentos desfavoráveis ao feminismo entre as adolescentes do gênero feminino em uma escola localizada no município de Aracoiaba.

A referida escola foi escolhida como alvo da pesquisa baseada em minha experiência pessoal como ex-aluna dessa instituição de ensino e no meu interesse em investigar como a visão sobre o feminismo tem sido construída por alunas adolescentes que hoje frequentam a escola que frequentei. Para participar da entrevista foi escolhido um grupo de adolescentes com faixa etária de 15 a 18 anos por se tratarem de garotas mais jovens que estão concluindo seu processo de formação no ensino básico e que teoricamente possuem um maior acesso à informação, seja através da mídia tradicional, das redes sociais ou dos círculos interpessoais que participam, tornando-se então capazes de desenvolver um senso crítico a respeito do tema.

Por fim, acreditamos que trabalhos como este poderão abrir caminhos para todos nós pensarmos mais profundamente sobre nossos preconceitos

inconscientemente enraizados e trabalharmos incansavelmente para trazer à luz esses preconceitos e ajudar a desconstruir a referência patriarcal e machista presente na nossa sociedade e a desenvolver uma consciência de gênero que garanta o reconhecimento e a igualdade de direitos a todos.

## 4. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, traremos uma visão geral sobre o que é o feminismo e quem foram os principais nomes do movimento no decorrer dos anos. Falaremos sobre as três ondas do feminismo que aconteceram no decorrer dos séculos XIX e XX e o surgimento de uma quarta onda na contemporaneidade, proporcionada pelo advento da tecnologia e de suas ferramentas. Abordaremos também a Teoria das Representações Sociais, elaborada por Serge Moscovici e de que maneira esta contribuirá para esse projeto.

### 4.1 Um breve panorama sobre o feminismo e suas correntes

O movimento feminista, cuja gênese se perde no tempo, ganha ênfase na Revolução Francesa com as primeiras reivindicações dos movimentos de mulheres que tinham como objetivo o "direito de participar ativamente da vida pública, no campo do trabalho, da educação e da representatividade política" (GURGEL, 2010, p.1) e posteriormente se fortaleceu na Inglaterra e nos Estados Unidos, articulando-se com o movimento abolicionista. Ao longo da história foram surgindo diferentes frentes de luta afirmando o feminismo como um movimento cada vez mais forte contra a perpetuação das desigualdades sociais entre homens e mulheres.

Os primeiros pensamentos feministas na luta das mulheres brancas, conhecidos como a primeira onda feminista, surgiram no século XVIII. Nesse primeiro momento, com um caráter mais conservador, as mulheres acreditavam em uma transformação social iniciada no lar, onde elas pretendiam desconstruir os preconceitos nos filhos e construir uma nova identidade feminina nas filhas. Os principais nomes nesse período foram a inglesa Mary Wollstonecraft e a francesa Olympe de Gouges, que destacavam

a importância da educação feminina, da paridade no casamento e a inclusão da mulher na vida pública. De acordo com Rocha (2015, p.27) a obra “Reivindicação dos direitos da mulher”, publicada por Wollstonecraft em 1792, reivindicando o direito à educação, foi considerada a obra fundadora do pensamento feminista.

Rocha (2015) explica que somente na década de 1840, quando os movimentos femininos começaram a se organizar para reivindicar modificações na legislação para proporcionar uma igualdade política e jurídica entre os sexos, que o termo “feminismo” foi usado pela primeira vez como forma de designar um o movimento social, político e ideológico que luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres buscando dar fim à imposição da condição de inferioridade da mulher em relação ao homem, que a subjuga por meios de opressão econômica, emocional e física e a desconstrução da ideia do gênero feminino como sexo frágil. O auge desse período foi a luta sufragista, que aconteceu em diversos países do mundo exigindo o direito de voto para as mulheres.

A segunda onda do feminismo aconteceu na década de 1960, com os movimentos feministas trazendo à pauta a opressão sofrida e um processo de transformação com a quebra de antigos padrões impostos à mulher. Um “acontecimento de grande importância foi o surgimento da pílula anticoncepcional, dando à mulher uma liberdade sobre as regras de seu corpo, a opção de decisão sobre quando ou não ter um filho” (SILVA, 2017, p.4). Com o slogan “o pessoal é político” a mulher passou a discutir sobre sexualidade e a lutar pelos direitos de escolha de reprodução. É nessa época que surgem as discussões sobre a diferença de sexo e gênero, em que o primeiro se refere ao biológico e o segundo trata-se de uma construção social.

Ainda na década de 60, surgiu o lema “Liberação das Mulheres” em que se exigia participação das mulheres no mercado de trabalho, sendo-lhes garantido o direito de trabalhar para se sustentar. Foi em 7 de setembro de 1968 que aconteceu um dos mais simbólicos atos da causa feminista: enquanto ocorria o Miss América no Atlantic City Convention Hall, ativistas faziam manifestações de repúdio à exploração do corpo feminino e à exigência

da juventude e beleza eterna. Foram queimados vários acessórios que representavam essa exigência de padronização de feminilidade.

Quando o Brasil viveu um período de violenta repressão política com a Ditadura Militar na década de 1970, o movimento feminista ganhou maior expressividade com a cultura de resistência expressa pela crítica ao regime que via com grande desconfiança qualquer manifestação de feministas, por entendê-las como política e moralmente perigosas. (PINTO, 2017, p.16).

Rago (1996, p.35) declara que “assim como outros grupos denominados ‘minorias’, as feministas buscavam uma linguagem própria, capaz de orientar seus rumos na construção da identidade da mulher como novo ator político”, mas ainda assim, defrontaram-se com a dominação sexista existente nos grupos políticos que colocavam obstáculos para a participação feminina em condições de igualdade com a masculina nos partidos de esquerda.

A terceira onda feminista surge nos anos 90 juntamente com as profundas mudanças sofridas no mundo ocidental, o que gerou uma nova forma de comunicação e debate acerca do feminismo. Nessa fase as feministas assumem uma identidade de garotas rebeldes com o termo “riot grrrl”, lançado por movimentos feministas punk. Há uma apropriação de termos e estereótipos misóginos em uma tentativa de ressignificá-los com uma conotação não negativa como forma de lutar pela liberdade de ser mulher sem padrões definidos, pois acreditam que estas são formas utilizadas pela sociedade patriarcal machista para reprimir as mulheres. É na terceira onda que surge a ideia da não universalização do conceito de mulher, buscando reconhecer as diversas identidades e experiências do que é ser mulher.

Na contemporaneidade, já se considera existir uma quarta onda (FELGUEIRAS, 2017, p.120), sendo esta advinda do uso das redes sociais como ferramentas fundamentais para a conscientização e divulgação de discussões sobre o feminismo. A atuação do movimento feminista encontra-se cada vez mais comprometida com o empoderamento feminino buscando atuar como um dispositivo de combate às desigualdades e às opressões em todos os âmbitos através de uma representatividade igualitária nos diversos os setores da sociedade.

Ativistas e simpatizantes do movimento utilizam o slogan “meu corpo, minhas regras” (FELGUEIRAS, 2017, p.119) e discutem temas como o corpo feminino, a sexualidade e a cultura do estupro, bem como o patriarcado, os abusos em ambientes de trabalho e de estudo e a violência de gênero. Dessa forma, duas das principais conquistas para o movimento feminista foram em 2006 e 2015, com a criação, respectivamente, das Leis Maria da Penha e de feminicídio, na luta contra a violência de gênero que, de acordo com Rodrigo Elias, editor da Revista de História da Biblioteca Nacional, é “resultado direto do machismo contra o qual os diversos movimentos feministas têm se levantado, de forma organizada, pelo menos desde o século XIX, tendo como ideia central o fato de que diferença de gênero não pressupõe desigualdade”.

Apesar das transformações conquistadas com o passar dos séculos e embora seja um assunto amplamente discutido em todos os ambientes, a construção deturpada do conceito de feminismo como um movimento de mulheres extremistas faz com que ainda existam divergências quanto à forma de entendê-lo, sendo visto na sociedade de forma distorcida e preconceituosa. Neste sentido, Rago (1996) declara que “as feministas foram percebidas como mulheres feias, infelizes e sexualmente rejeitadas pelos homens”.

A jornalista Rachel Sheherazade, conhecida por declarações polêmicas, afirmou em seu twitter que “quem não gosta de elogio é feminista! Eu sou feminina” e “não sou feminista na atual concepção da palavra. Sou feminina. E tenho orgulho do meu gênero, e sou empática às mulheres e contra toda e qualquer forma de agressão ou machismo”. Declarações como essas mostram que até mesmo mulheres com formação acadêmica podem ser vítimas da desinformação sobre o conceito de feminismo e continuam perpetuando velhos estereótipos misóginos sem compreender a importância do movimento e como ele se constitui como um pilar fundamental na busca pelos direitos das mulheres. Neste sentido, Schimidt (2006, p.765-766) concorda com a existência desse fenômeno da desinformação ao afirmar que:

> Não é de hoje nem de ontem que o termo “feminismo” sofre uma sistemática depreciação e deslegitimação [...] vulgarizar o feminismo e associá-lo às noções de marginalidade e anacronismo para marcar a natureza de algo que não é bom, sadio e desejável para a sociedade brasileira tem sido parte da estratégia quase

> desesperada de parte de segmentos da elite intelectual, em sua tentativa de desqualificar os avanços sem precedentes das conquistas feministas em escala global nessas últimas décadas.

Em consonância com o pensamento de Schimidt, a escritora Andréa Pachá (2018) destaca a importância em trabalhar o feminismo na escola para se desconstruir essa estrutura patriarcal e machista e desenvolver uma consciência de gênero que garanta o reconhecimento e a igualdade de direitos. Pachá afirma que “repressão sem informação vira violência e medo. Feminismo se aprende também na escola”. Ainda nessa perspectiva, a ativista do coletivo Sempreviva Organização Feminista (SOF), Helena Zelic declara que “não há maneira de ter mudanças efetivas sem a coletividade entre as mulheres. Não é mudar só as nossas vidas, mas a vida de outras pessoas (...) a importância do feminismo está em trazer mudanças efetivas na sociedade.

Considerando este panorama do feminismo e buscando caracterizar a perspectiva das adolescentes a respeito do movimento no ambiente escolar, utilizaremos a Teoria das Representações sociais como objeto de análise para percepção de como se dá a conceituação do movimento feminista a partir das interações sociais e suas complexidades no contexto educacional.

## 4.2 Teoria das Representações Sociais (TRS)

O conceito de Representação Social é proposto por Serge Moscovici em sua obra *Psychanalyse: son image et son public* publicada em 1961 e revisado em 1976, a partir da teoria da Representação Coletiva de Durkheim. Neste trabalho Moscovici estuda a maneira que a psicanálise “se modifica e penetra na sociedade, sendo apropriada por diferentes grupos sociais conforme sua posição social, suas visões religiosas, políticas e o seu nível sociocultural” (DEMATHÉ, 2007 p.17). Ou seja, o autor aborda a constituição dos fenômenos da Representação Social e como estes são diretamente influenciados pelos processos comunicativos, constituindo assim o senso comum das realidades cotidianas.

Resgatando o conceito oriundo da Sociologia de Durkheim, Moscovici dá origem à Teoria das Representações Sociais (doravante TRS) em seus

estudos no campo da Psicologia Social e posteriormente “focalizando as modificações do referido conceito, desde a década de 70 do século XX” (GARCIA, 2018. P.17) esta passa a ser debatida por outros estudiosos das diversas áreas do conhecimento.

A partir dos estudos de Moscovici (1976/2007), Jodelet (2001) e Irineu (2013), a quem considera os “representantes dos desdobramentos da TRS na Educação e estudo das linguagens”, Garcia (2018,p.20) compreende representação social como “uma modalidade particular de conhecimento, cuja função é a elaboração conceitual dos comportamentos e da comunicação entre os sujeitos”. Da mesma natureza, estudos de Sêga (2000) e Minayo (2002) definem as representações sociais como as maneiras de pensar e interpretar a realidade cotidiana por grupos e indivíduos que servem para explicar, justificar e questionar essa realidade estabelecendo suas posições em relação ao que lhes concerne. Neste sentido, para Crusoé (2004, p.105), as representações sociais nos permitem “modificar o nosso olhar em relação ao conhecimento de senso comum”.

Portanto partindo da premissa de que vivemos em uma sociedade plural, cujo termo, segundo as palavras de Winograd (2004, p.206)

> é utilizado de modo genérico para fazer referência às doutrinas e sistemas conceituais para as quais os seres que compõe o mundo são múltiplos, individuais, independentes e não devem ser considerados como simples modos ou fenômenos de uma realidade única e absoluta [...] O pluralismo epistemológico, por outro lado, sustenta que diferentes teorias podem ser adequadas e válidas. Isto pode se basear na visão de que existem a) diversas vias em direção a verdade, ou b) diversas formulações da verdade, ou c) que as diversas teorias concorrentes e eventualmente opostas trazem à luz diversos aspectos de uma mesma realidade.

Partindo da perspectiva da autora, compreendemos que pessoas dos diferentes níveis sociais e culturais com diversidade de opiniões e ideias convivem umas com as outras reconhecendo e tolerando suas diferentes posições a partir do diálogo e debate. Assim, tomando como questão central a conceituação do feminismo pela visão de adolescentes do gênero feminino da atualidade, faz-se oportuna a reflexão de como se constroem as estruturas da representação social acerca do feminismo e em quais condições estas se produzem.

## 5. METODOLOGIA

Utilizaremos uma pesquisa do tipo qualitativa descritiva-exploratória. Nas palavras de Gil (2008, p. 27-28) as pesquisas descritivas são aquelas que “têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população” e as pesquisas exploratórias “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”, compreendendo ser esta uma pesquisa cuja proposta central busca analisar percepções que podem ser complexas e trazer consigo nuances diversas capazes de produzir variáveis inesperadas.

Nessa perspectiva, como processo inicial da pesquisa, será pedida a autorização para que seja realizada a pesquisa no ambiente escolar onde, com o objetivo de buscar informações suficientes para análise da opinião dessas estudantes, se dará a observação participante que “é realizada em condições controladas para responder aos propósitos preestabelecidos. É utilizada com freqüência em pesquisas que têm como objetivo a descrição precisa dos fenômenos ou o teste de hipóteses” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.104 apud SILVA. 2017, p. 22-23).

Realizaremos a pesquisa com um grupo de 10 estudantes do gênero feminino matriculadas no terceiro ano do ensino médio na Escola João Alves Moreira em Ideal, zona rural do município de Aracoiaba, Ceará. Para isso, as adolescentes assinarão um termo livre esclarecido no qual declararão estar cientes do que será proposto na pesquisa e que autorizam a gravação de áudio e utilização do conteúdo de suas respostas para fins da análise dos dados, sendo-lhes garantido o anonimato de identidade.

A coleta de dados se realizará através da realização de um questionário onde será pedido para que as estudantes respondam quais as 5 primeiras palavras que surgem quando pensam no termo “feminismo” e estas poderão se desdobrar em novos questionamentos a partir da espontaneidade apresentada nas narrativas onde elas podem revelar seus posicionamentos e motivações.

Quanto aos procedimentos de análise, serão feitos a partir dos dados levantados pelos questionários, destacando os termos e expressões mais utilizados, bem como os elementos temáticos que atuaram como forma de representação social no discurso das estudantes. Por fim, será elaborada uma síntese da análise obtida proveniente dos dados obtidos.

## REFERÊNCIAS


ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira; ADRIÃO, Karla Galvão. FEMINISMO E ANTIPATIZANTES: mudanças corroboradas, movimentos e agentes refutados. **Diretoria de Pesquisas Sociais**, p. 115.

ALVES, Ana Carla Farias; Alves, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. **IV SEMINÁRIO CETROS NEODESENVOLVIMENTISMO, TRABALHO E QUESTÃO SOCIAL,** Fortaleza- CE, 29-31 de maio/2013, UECE- Itaperi, s.d. p. 113-121.

ANDRADE, Fabíola. **Informação como chave para acabar como os estereótipos**. Disponível em: https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/informacao-como-chave-para-acabar-com-os-estereotipos/ Acessado em 14 de março de 2019

ARRUDA, Angela. **Teoria das representações sociais e teorias de gênero.** *Cad. Pesqui.* [online]. 2002, n.117, p.127-147. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf

CRUSOÉ, N.M.C. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para pesquisa em educação. **APRENDER - Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação**. Vitória da Conquista, Ano II, n. 2, 2004, p. 105-114.

D'ANGELO, Helô. **Quem foi Mary Wollstonecraft, autora de um dos documentos fundadores do feminismo.** Disponível em: **https://revistacult.uol.com.br/home/mary-wollstonecraft-220-anos-de-morte/** Acesso em: 15 de fevereiro de 2019.

DEMATHÉ, Thércia Millnitz. **A representação social sobre infância:** um estudo com as professoras de educação infantil do município de Corupá. 2007. 155f.Dissertação de mestrado - Curso de pós-graduação Strictu Sensu. Programa de Mestrado Acadêmico em Educação - PMAE. Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2007.

DINIZ, Débora. **Sem querer, ministra Damares impulsiona movimento feminista.** Disponível em: https://revistamarieclaire.globo.com/Blogs/Debora-Diniz/noticia/2019/01/sem-querer-ministra-damares-impulsiona-movimento-feminista.html Acessado em: 27 de janeiro de 2019.

FANTÁSTICO. **Damares Alves: conheça a história da ministra que se envolveu em polêmicas.** Disponível em https://globoplay.globo.com/v/7296702/ Acessado em: 15 de março de 2019.

FELGUEIRAS, Ana Cláudia M. Leal. **Breve Panorama Histórico do Movimento Feminista Brasileiro. Das Sufragistas ao Ciberfeminismo.** *In*: Revista Digital Simonsen, Nº 6, Maio. 2017. Disponível em: www.simonsen.br/revistasimonsen ISSN:2446-5941

FURIOSA. **O que são as ondas do feminismo?** Disponível em:

https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a Acessado em 14 de março de 2019.

GARCIA, P.C.A, **Representações sociais sobre o racismo no discurso de discente moçambicanos na Unilab/CE**: Vozes, imagens e trajetórias coletivas. 2018. 107 f. Dissertação de mestrado - Curso de Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Humanidades, Coord. Do Curso De Mest. Interdisciplinar Em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Ed. 6°. São Paulo: Atlas S.A, 2008. 196 p.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Ed. 8. Rio de Janeiro: Record, 2004. 111 p.

GURGEL, Telma. Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 9, p. 1-9, 2010.

IRINEU, Lucineudo Machado. **Representações sociais sobre a latinidade em sites de redes sociais contemporâneas:** uma investigação discursivo-ideológica situada no Orkut. 2011. 210 f. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. 21 ed**.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002. 80p.

**O que é feminicídio?** Disponível em https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/o-que-e-feminicidio/> Acessado em 15 de março de 2019.

PACHÁ, Andréa. **Feminismo sem partido.** Disponível em: https://oglobo.globo.com/opiniao/feminismo-sem-partido-23366084 Acessado em: 27 de janeiro de 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. *In* **Revista de Sociologia e Política.** Rio de Janeiro, v. 18, nº 36. 15-23 jun. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf Acessado em 19 de março de 2019

RAGO, Margareth. Adeus ao Feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil. **Cadernos AEL**, n. 3/4, 1995/1996, p. 11-43.

ROCHA, Karine. Sementes da revolução. *In* **Revista de história da biblioteca nacional**, ano 10, n.113, fev/2015, p. 26-29.

SCHIMIDT, Rita Terezinha. Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.14, n. 3. setembro-dezembro/2006, p. 765-799.

SÊGA, Rafael Augustus. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici.** Anos 90, Porto alegre, n 13, Julho/2000

SCHARFF, Christina. **Por que tantas mulheres jovens não se identificam como "feministas".** Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/geral-47283014 acessado em: 27 de janeiro de 2019.

SHEHERAZADE, Rachel (RachelSherazade). "Não sou feminista na atual concepção da palavra. Sou feminina. E tenho orgulho do meu gênero, e sou empática às mulheres e contra toda e qualquer forma de agressão ou machismo. Fui clara?". 6 de fevereiro de 2019, 15:18 pm. Tweet.

SHEHERAZADE, Rachel (RachelSherazade). "hahaha! Quem não gosta de elogio é feminista! Eu sou feminina". 28 de abril de 2017, 02:03 am. Tweet.

SILVA, Maria Eduarda Freitas. **A percepção dos alunos da escola de ensino médio Almir Pinto com relação ao ingresso no ensino superior.** 2017, 26p. Unilab.
SILVA, Pâmela Ferreira da. Feminismo nas redes sociais: análise das hostilidades sofridas pelas feministas Dolores Aronovich e Madge Porto. **Revista Tropos**. V. 6, n° 1, Julho/2017.

VARELLA, Gabriela. **O que é uma Virada Feminista?** Disponível em https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/07/o-que-e-uma-virada-feminista.html Acessado em 15 de março de 2019.

WINOGRAD, Monah. Freud é monista, dualista ou pluralista? **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica.** Rio de Janeiro, v. 7, no. 2, Jul/Dez, 2004. P. 203-220.